



Comissão dos Ex-moradores do Parque Nacional do Jaú
Associação de Moradores Remanescentes de Quilombo
da Comunidade do Tambor

Nova cartografia social **dos povos e comunidades** **tradicionais do Brasil**

Ribeirinhos e Quilombolas

Ex-moradores do Parque Nacional do Jaú

Novo Airão, Amazonas

5





Oficina de Mapas, Novo Airão, novembro 2006

Projeto Nova Cartografia Social dos Povos
e Comunidades Tradicionais do Brasil

FASCÍCULO 5 – Ribeirinhos e Quilombolas, Ex-moradores
do Parque Nacional do Jaú, Novo Airão, Amazonas

Brasília, março 2007
ISBN 85-86037-20-6

Coordenação do PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida
(PPGSCA-UFAM, FAPEAM-CNPO)

Rosa Elizabeth Acevedo Marin (UNAMAZ-NAEA-UFPA)

Equipe de pesquisa

Emmanuel de Almeida Farias Júnior (UFAM)

Elieyd Sousa de Menezes (UFAM)

Judith Costa Vieira (UEA)

Nadja Christine de Castro Souza (UEA)

Marcos do Nascimento Pereira (UEA)

Erica Matsuno Nakazono (UFPA)

Franklin Plessmann de Carvalho (UFBA)

Ana Felisa Hurtado Guerrero (FIOCRUZ)

Alfredo Wagner Berno de Almeida (UFAM)

Consultor geral do PNCSA

Joaquim Shiraishi Neto (PPGDA-UEA)

Cartografia e mapas

Emmanuel de Almeida Farias Júnior

Fabiano Saraiva

Comissão dos Ex-moradores do Parque Nacional do Jaú

Raimundo Alves Pinheiro da Silva

Francisca Viana de Almeida

Ivanilda Gonçalves dos Santos

Maria Pereira Rodrigues

João Pedro Paixão

Associação de Moradores Remanescentes de Quilombo da Comunidade do Tambor

Presidente: Sebastião Ferreira de Almeida

Vice-presidente: Sabino Maria dos Santos

Secretário: Raimundo Assis de Almeida

1º Tesoureiro: Jacinto Maria dos Santos

2º Tesoureiro: José Alberto do Nascimento

Membros Efetivos do Conselho Fiscal: Orivan Lemos Brasil

Getúlio Maria dos Santos

Celeste Alves dos Santos

Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Novo Airão

Presidente: Aldenor Sobrinha Barbosa

Vice-presidente: Anália de Vasconcelos

1º Tesoureiro e Sec. de Políticas Sociais: Julio Cezar Costa Barbosa

2ª Tesoureira: Maria Helena M. Pinheiro

1ª Secretária: Norizete do Norte Farias

2ª Secretária: Marly N. Fernandes

Conselho Fiscal: Luiz Alberto Q. da Silva

Francisca V. de Almeida

Maria Pereira Rodrigues

Suplentes: João Pedro Paixão

Francisco Torres do Albuquerque

Francisco Viana dos Santos

Fotografias das atividades agrícolas e extrativas

Emmanuel de A. F. Júnior

Fotografias das oficinas

Judith C. Vieira

Nadja C. Castro Souza

Marcos N. Pereira

Equipe de colaboradores

Aldenor Sobrinha Barbosa

Sebastião Ferreira de Almeida

Raimundo Alves Pinheiro da Silva

Francisca Viana de Almeida

Ivanilda Gonçalves dos Santos

Maria Pereira Rodrigues

João Pedro Paixão

Projeto gráfico e editoração

Design Casa 8

www.designcasa8.com.br

Quem são os atingidos?

Nós vivíamos no Jaú, trabalhávamos nisso, era borracha, sova, seringa, balata e depois que chegou o IBAMA, aliás, primeiramente o IBDF, aí modificou tudo, tiraram os regatão todos de lá, então isso dificultou a vida de quem não tinha barco, como eu, aí vivemos ainda lá uns tempos... aí a gente passamos uns tempos lá depois do IBAMA, depois dessa dificuldade de tirarem todos os regatões, aí a gente saímos, porque de que a gente ia viver, nós tínhamos farinha, nós tínhamos cará, batata, macaxeira, de um tudo de plantação, mais faltava medicação que não tinha, aí a gente tinha que procurar um rumo. Sr. Jacinto, 20/10/2006

Ele foi pra lá, quando ele chegou lá... ele foi com os amigos dele, eles andaram assim né, tipo um bando, se escondendo aqui e acolá pra poder sair da onde eles estavam, ele contou assim né. Que quando ele chegou lá, foi o tempo que abriram o lugar pra trabalhar, aí eles trabalhavam com cipó, seringa, castanha, então foi o tempo que ele casou com a finada mamãe, mamãe era da beira do Rio Negro... então depois deles se casarem teve nós, ele contava assim.

Depois que eu me entendi, ele trabalhava em roça, cipó, castanha, era nosso trabalho, pescar um peixinho pra comer, muitas coisas a gente vendia, fazia plantação das coisas também, plantava cupu, café, melancia, pupunha, laranja, mari, lima, isso tudo nós plantava.

Depois que eu fiquei mais compreendida, eu aprendi a ser parteira e a partejar mulher, esse meu marido também trabalhava, ia os meninos e o pessoal se tratar em casa, eu tinha uma casa diferente da minha, separada da minha, que eu partejava mulher, tinha vez que tinha duas, três mulher pra partejar, aí todo tempo era isso, até eu sair do Jaú.

Vieram com papai só dois, três com um parente dele, ficaram lá, lá morreram.

Na época eu não era nascida, quem contava era meu pai, tinha lugar que eles se escondiam, que parece que iam acabar matando eles, tinha vez que era preciso acender um cigarro, pra não virem eles... pra se esconderem... quando ele acendia o cigarro e botava aqui, podia passar aí que não via ninguém.

Morava lá mesmo, em qualquer canto, eu morava no Miriti, as vezes morava no Tambor, as vezes morava no Paunini, o Paunini é afluente do Jaú... naquele tempo não tinha nada de medida de terra, se saísse, o outro vinha e colocava do mesmo jeito, quem chegasse, achasse aquele lugar vazio, roçava, fazia tapiri e trabalhava, no verão, que inverno que fosse (...).



Reunião preparatória da Oficina de Mapas, 14 outubro 2006

Eu sai duma vez, que não dava mais pra fazer nada, por causa desse pessoal que empatava de eu trabalhar lá dentro, o pessoal da IBDF, porque foi ele que exigiram pra não trabalhar mais, pra não tirar mais cipó, pra não tirar mais sova (...) **D. Maria Benedita, mas conhecida como D. Bibi, 83 anos, 20/10/2006**

Nós morávamos acima do Tambor, muito acima da ultima comunidade, na localidade Forquilha, lá nós tínhamos tudo, tínhamos nossa roça, a nossa casa, tudo o que plantava dava muito, como a melancia, a abóbora, o maxixe nós plantávamos muito, banana, tudo dava. Mas ai chegou a conclusão que não dava para continuar lá (...) **D. Lindalva Ferreira, 04/12/2006**

Vindo do Jaú, passamos no Acari e agora estamos em Novo Airão desde aquele tempo (...) proibiram o regatão, que era nosso comércio, de entrar no Jaú. As proibições eram muitas. O que nós tínhamos lá, não tem aqui. E foi assim a nossa vida, ficamos morando aqui. **D. Valtina dos Santos e o Sr. Geraldo Cardoso, 20/10/2006**

Segundo informações veiculadas pela Comissão dos Ex-moradores do Parque Nacional do Jaú (PNJ) e pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Novo Airão, o PNJ foi criado em setembro de 1980, através do Decreto nº 85.200, abrangendo uma área de 2.272.000ha. A partir de 1985, estima-se que cerca de 100 famílias extrativistas foram compelidas a deixar a região do Rio Jaú. Hoje essas famílias residem na cidade de Novo Airão, compreendendo mais de 300 pessoas.

Em 2006, a comunidade remanescente de quilombo do Tambor, localizada no Rio Jaú, foi reconhecida oficialmente pela Fundação Cultural Palmares, sob o Registro nº 563, Fl. 73, de 19 de maio de 2006, através da Portaria nº 11, de julho de 2006. **Diário Oficial da União, nº 108, 07/07/2006**

Ficar lá, e não mandar mais em nada! Então era assim, entreguei tudo na mão de Deus e viemos embora. Isso foi em 1985. **Sr. Manoel Braz, com quase 94 anos e ex-morador do Sítio Miriti**

O que é a comissão?

A comissão é um grupo de pessoas que foram escolhidas pelos ex-moradores para representar os ex-moradores e lutar pelos direitos de todos. A Comissão é um movimento escolhido para representar as pessoas que moravam no Rio Jaú e lutar pelos direitos na Justiça Federal para recebimento das devidas indenizações.

A comissão dos ex-moradores foi escolhida através de uma reunião com os ex-moradores, foram escolhidas doze pessoas, hoje só permaneceram cinco pessoas, os outros saíram porque estava muito difícil o trabalho, sentiam dificuldade para viajarem porque não tinham condições financeira para pagar suas passagem e também para deixar para a sua família, os cinco que permanecem também tem dificuldade quando tem viagem para fazer para Manaus, porque não temos com que pagar as passagens e comprar alimentação. **Texto redigido pela Comissão de Ex-moradores do Parque Nacional do Jaú, 05/12/2006**

...fomos desacatados, então que nós chegamos a essa conclusão que hoje nós tamos chegando, né, de lutar pelos nossos direitos. **D. Lindalva Ferreira, 04/12/2006**

Por que o fascículo?

Eu acredito que esse trabalho vai ajudar no reconhecimento dos ex-moradores, ele vai ajudar a fortalecer mais o grupo dos ex-moradores. Existe um processo na justiça para a indenização,

mas eu acho que não é o suficiente. Eu acredito que vai nos ajudar a nos organizar cada vez mais em uma associação.

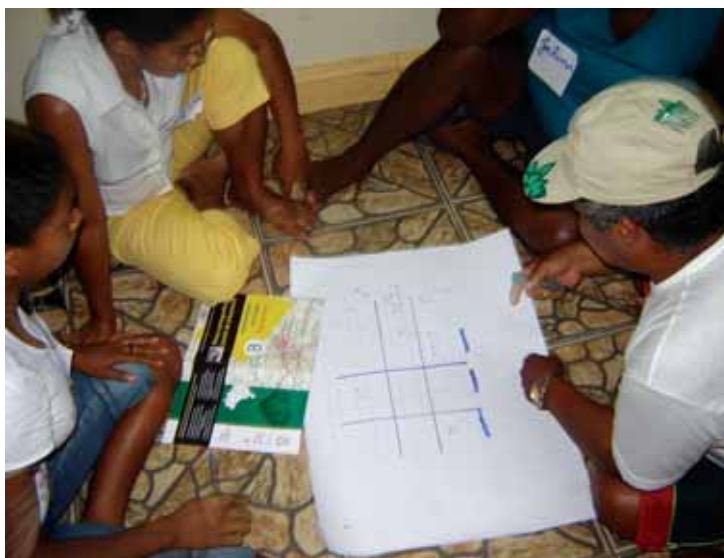
Nós apreendemos que temos que estar organizados, como associação, temos mais poder, porque estamos com um grupo de pessoas, então como associação podemos reivindicar cada vez mais nossos direitos, junto também dos quilombolas, se junta todo mundo. E eu acredito que vá melhorar nossa situação, tanto do conhecimento, como essa questão da saúde, essa questão da educação, da alimentação, porque a gente aqui, nos sentimos aqui, parece que a gente não existe aqui em Novo Airão, porque assim, a gente passa necessidade, passa dificuldade e nos muitas vezes não sabemos onde vamos encontrar facilidade para que melhore nossa situação (...)

D. Ivanilda Gonçalves, 04/12/2006

O mapa da cartografia vai indicar como nos encontrarmos, onde a gente mora, a rua, vai ficar fácil de encontrar os ex-moradores, chega uma equipe e sabe que existe a cartografia, então todo

mundo que quer conhecer onde mora os ex-moradores, então, através da cartografia eles vão ficar, vai facilitar como eles vão localizar, vão saber que nós existe em Novo Airão.

D. Ivanilda Gonçalves, 04/12/2006



Segunda Oficina de Mapas, 2 e 3 novembro 2006

Isso pra nós foi um trabalho que nos reviveu tudo aquilo que vivemos dentro do Jaú, que nós passamos, porque lá naquele Parque foi onde eu perdi minha bisavó, minha avó, então aquilo ficou tudo pra lá, pra nós que vivemos hoje estamos aqui em Novo Airão, nós sentimos toda a perda. Perdi meu pai, ele sofreu as conseqüências, teve

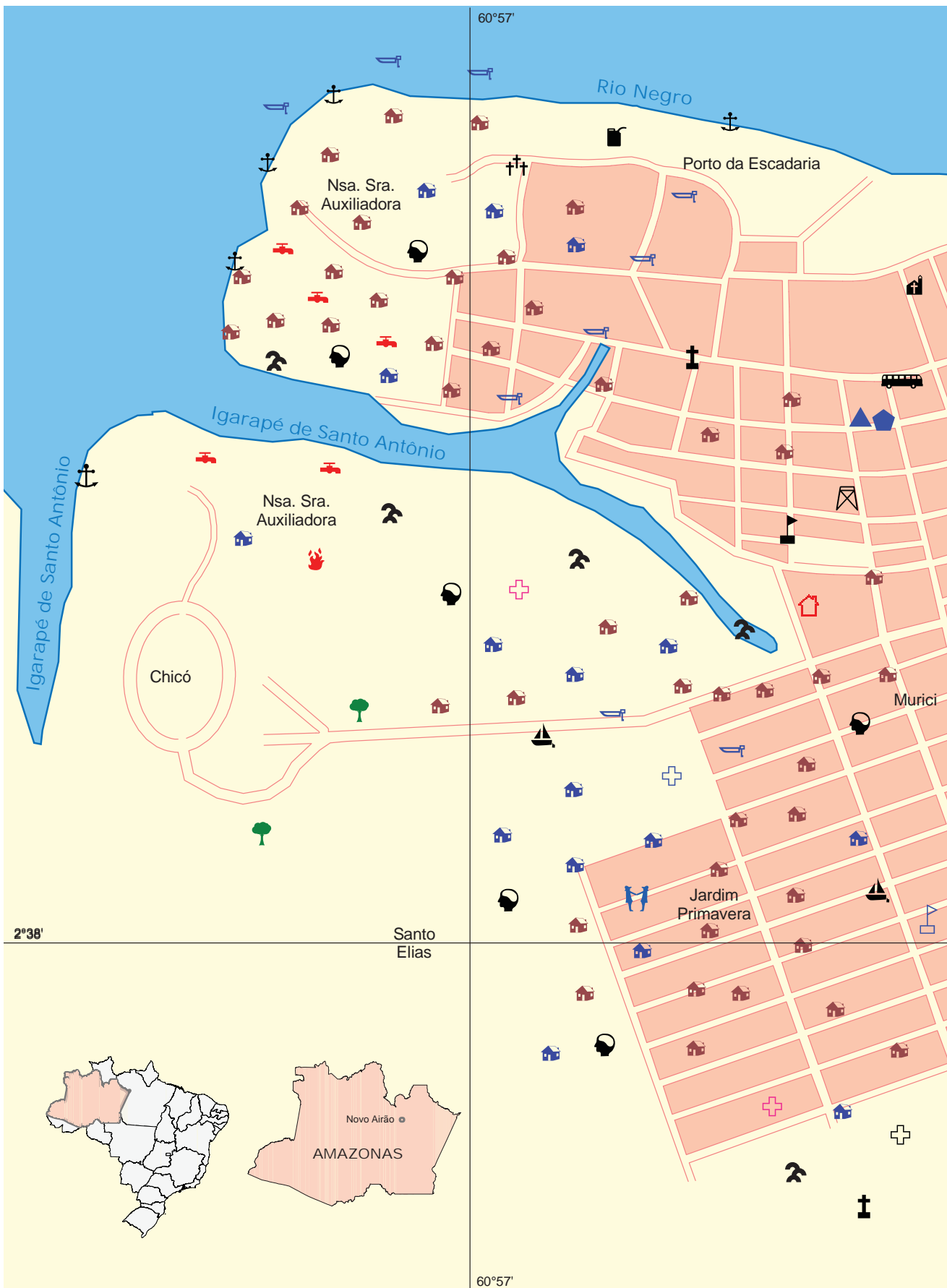
coração grande, lá se foi a vida do meu pai também, hoje eu só tenho a minha mãe com a idade de 83 anos né, e nós nesta luta. **D. Lindalva Ferreira, 04/12/2006**

A vida na cidade

Aqui é uma dificuldade muito grande, a gente faz um espeto tira cipó, as vezes vai pescar, mas o IBAMA toma tudo as coisas, aí cada vez mais vai ficando difícil, que nem agora. Meu marido tava aqui, pescava e a gente tirava um dinheirinho mais fácil, mas foi o tempo que pegaram, ai a gente ficou... até a chave do motor levaram... levaram seis malhadeiras, bateria, holofote, zagaia, espinhel de pegar pirarara, currico, levaram essas coisas tudinho, só deixaram mesmo o motor e a rede dele, se ele demorasse mais iam levar tudo e ele ia ficar ilhado lá.



Agora a gente tá numa situação que não tem dinheiro nem pra comprar um quilo de açúcar. Comprou fiado e foi tirar cipó pra li, e eu fico aqui pelejando com esses espetos, é difícil até pra gente conseguir a madeira pro espeto, que é comprado né! **D. Graça Bezerra, 04/12/2006**

Eu, Sebastião Ferreira de Almeida, que naquela época da criação do PNJ, tinha 20 anos de idade e hoje sinto o ardor da desigualdade doer na minha pele. Por ser hoje, um líder de uma população da qual meu pai foi criado, digo: vou a luta por um povo que também faço parte!








Ribeirinhos e Quilombolas: ex-moradores do Parque Nacional do Jaú




-  Ex-morador que participou da oficina
-  Ex-morador que não participou da oficina





Formas organizativas

-  Comissão dos ex-moradores do Parque Nacional do Jaú
-  Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Novo Airão
-  Ass. de Mor. Rem. de Quilombo da Comun. do Tambor
-  Centro de Formação Almerinda Malaquias
-  Associação de Artesãos de Novo Airão

Roça e atividades extrativas

-  Extrativismo (fibras vegetais e florestais)




Práticas tradicionais de uso dos recursos

-  Carpinteiro naval
-  Artesão
-  Produtor de carvão
-  Pescadores








Formas tradicionais de culto e medicina

-  Rezadeira
-  Parteira
-  Curandeira
-  Festejo de São Pedro

Conflitos e tensões

-  Conflito pelo uso da terra para roçado
-  Ameaça de retirada da barraquinha de churrasco
-  Falta de água encanada

Equipamentos

-  Porto
-  Igreja
-  Escola
-  Cemitério
-  Caixa d'água
-  Posto de combustível
-  Estação Rodoviária

Convenções

-  Arruamento
-  Hidrografia

Equipe de elaboração

Emmanuel de Almeida Faria Júnior

Cartografia temática

Claudia I. S. Santos
Fabiano Saraiva

Fonte

Levantamento de campo efetuado em 2006
DSG (1983, folha SA.20-Z-B, esc. 1:250.000)
IBGE (Arruamento municipal digital)

Quando escuto e vejo meus companheiros, que me viram crescer, falando da diferença de sua vida dentro do Rio Jaú e de como é sua vida hoje na cidade fico triste.

Sinto vontade de chorar, quando sei que alguém foi abordado pelos fiscais e assim uma família inteira ficou passando fome.

Fico revoltado quando penso que para visitar a minha terra, onde eu nasci, tenho que ter autorização, dia e hora para entrar e dia e hora para sair. E que ainda tenho que levar meu alimento pois não tenho o direito de usar aquilo que eu também ajudei a preservar e também e também ajudei a construir.

Muitas destas famílias foram humilhadas e até multadas pela tal proibição.

Quero dizer em meu relatório que não sou contra a instituição, sou contra a má administração. Se os nossos companheiros pescam, caçam, tiram madeira, enfim, usam a lei da vida. Porque está é a primeira lei que eles conheciam. Quem proíbe nunca ensinou a fazer o certo (...)

Sebastião Ferreira, 14/10/2006

Quando nós chegamos aqui, o meu esposo alugou uma casa do professor, aí o professor com muita pena de nós, ficou com pena da nossa situação, nós saímos com dois sacos de farinha... ele tirando cipó e eu trabalhando na casa de família, fazendo uma coisinha daqui e outra acolá e ele tirando cipó lá na estrada pra nós se manter, pra nós comprar nossa boinha, pra nós comprar nosso cafezinho, da onde nós saímos, nós vivia numa fartura, mais aí não teve mais condições de ficar lá dentro.

Olha aqui o que eu peguei nos pés de trabalhar nos quintais alheios, uma tal de micose, isso deu trabalhar nos quintal alheio pra nós sobreviver, quando chegemos aqui, sofremos. Olhe, minha venda aqui era dindin, fazia cascalho pra mim vender na rua, esse Novo Airão aqui me conhece por todo canto quando eu vendia dindin e cascalho, esse prefeito que hoje ta na prefeitura foi um que cansou de comprar dindin e cascalho de mim. **D. Albertina, 20/10/2006**

A minha chegada na cidade foi um pouco difícil, primeiro eu morava num barquinho, numa canoa, coberta com a tolda de palha, eu cheguei até a me alagar, perdi algumas coisas, molhou



Casa de farinha do Sr. Adelino, 4 dezembro 2006



Porto do Samuel – Igarapé do Tijuco, 4 novembro 2006



Roça do senhor Manoel Lioterio – Muquental, arredores de Novo Airão, 4 novembro 2006

tudo que tinha, entendeu, corri risco até de perder a vida de meus filhos e em seguida a gente passou a morar na casa de outras pessoas, cheguei a pagar aluguel de umas casas, de outras não. Pagava e passava um mês, dois meses num local, aí tinha que desocupar, devolver pro dono, ir pra outro canto e assim eu fiquei com a minha família, meu casal de filhos nessa situação. **Sebastião Ferreira, 02/12/2006**

Conflitos e tensões

Aqui, ninguém pode botar roça, por que ninguém num tem terra, a gente mora aqui, se a gente bota roça numa terra dessa aí, o dono chega lá com a gente dando parte pela delegacia, quando dá fé chega ofício, e gente vai pra lá né. A gente quer plantar, ninguém num quer a terra, só quer plantar a roça, por que a gente é acostumado de fartura de farinha. Agora o litro da farinha aqui tá R\$ 1,50 pra quem tem, aqui em casa são oito pessoas (...). **D. Graça Bezerra, 04/12/2006**

Resumo dos principais problemas

- Violência física ameaçando as famílias na cidade.
- Proibição por parte do IBAMA, IPAAM e SDS de extração de madeira, pesca e agricultura devido à grande extensão de área preservada no município.
- Pesca predatória (Igarapé do Arraia).
- "Grilo" – ladrão da roça.
- Falta de terra pra fazer roçado.
- Conflito pelo uso da terra para roçado na cidade.
- Falta de água encanada e luz no Bairro Santo Elias.
- Falta de água encanada no Igarapé do Santo Antônio.
- A Prefeitura que retirar o Sr. Mamedio do ponto onde vende churrasquinho.



Certidão emitida pela Fundação Cultural Palmares de reconhecimento-formal da comunidade do Quilombo do Tambor, Novo Airão, AM Diário Oficial da União, 7 julho 2006

ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL DE CONSTITUIÇÃO

Ata da Assembléa Geral de Constituição da Associação dos Moradores da Comunidade do Tambor/Am, doravante denominada **ASSOCIAÇÃO DE MORADORES REMANESCENTES DO QUILOMBOLAS DA COMUNIDADE DO TAMBOR/AM - "CRQ-TAMBOR/AM"**, e aprovação do seu Estatuto, realizada no dia dezto do mês de junho do ano de dois mil e cinco.

Aos dezto dias do mês de junho do ano de dois mil e cinco, às 09:00 horas, no prédio onde funciona a escola, reuniram-se os moradores da comunidade do Tambor, município de Novo Airão (AM), que assinam a lista de presença que faz parte integrante desta ata como anexo, para deliberarem sobre a constituição da Associação, eleição da Diretoria e Conselho Fiscal e aprovação do respectivo estatuto social. Para conduzir os trabalhos, foi aclamado o Sr. Izanias Penteado Lourinho, Professor, que assumiu a presidência da mesa e convidou a srs. Doracete Assis da Silva, para Secretária. Composta a mesa, o presidente declarou que a finalidade da assembleia, conforme deliberado em reuniões anteriores, é a constituição da **ASSOCIAÇÃO DE MORADORES REMANESCENTES DO QUILOMBOLAS DA COMUNIDADE DO TAMBOR/AM - "CRQ-TAMBOR/AM"**. A associação terá como objetivo os descritos no estatuto aprovado nesta assembleia e que faz parte da presente ata. A concepção da associação foi desenvolvida em razão da necessidade urgente de promoção e execução de medidas, em defesa dos interesses de seus associados; prestar assistência a seus associados visando a motivá-los a trabalhos comunitários ou outras formas de atividade que os mantenham plenamente integrados entre si e na sociedade; apoiar e prestigiar a comunidade na realização de obras e o seu bem-estar; lutar pela manutenção de seus objetivos e pela preservação do seu patrimônio, desde que não haja conflito com os interesses de seus associados; representar e defender os interesses, os direitos e reivindicações dos associados, perante as autoridades competentes, os poderes públicos, com jurisdição em todo o território nacional. Em seguida, após este breve relato, informou que nas reuniões preparatórias, foi decidido que a minuta do estatuto, deveria ser analisada e as sugestões de alterações deveriam ser alocadas pela secretária, para que fossem feitas as correções. O presidente, então, submete o texto à plenária para aprovação e o estatuto foi aprovado por unanimidade. A seguir, o presidente colocou em discussão a eleição da Diretoria e do Conselho Fiscal, para um mandato de dois (2) anos, conforme estatuto, com a incumbência inicial de: a) tomar todas as providências para o registro e demais medidas para a legalização da associação ora constituída; b) aprovação do Plano de Ação e do correspondente Programa Orçamentário, bem como sobre modificações no estatuto que se forem necessárias, por razões legais ou oriundas de sugestões dos associados, desde que não afetem seus finalidades e propósitos. Decidiu também a plenária, que sendo considerados fundadores, os que assinaram a lista de presença nesta assembleia de constituição. O presidente solicitou então a indicação de nomes para participar da composição da Diretoria e do Conselho

Pauta de reivindicação

- Reconhecimento dos povos quilombolas e das comunidades tradicionais do Rio Jaú.
- Direito de participar e de ser consultado sobre todas as atividades que afetem de forma direta ou indireta, os direitos de quilombolas e de comunidades tradicionais.
- Direito ao recebimento de indenização pelos danos já sofridos, sem que afete a reivindicação do território quilombola dentro do Parque do Jaú.
- Direito de escolher as prioridades, entre as quais: a) direito de voltar às terras tradicionalmente ocupadas no rio Jaú; b) direito de recebimento legal de terras cuja qualidade e estatuto jurídico sejam iguais a do rio Jaú; c) direito ao recebimento de uma indenização justa que leve em consideração não somente bens materiais, assim como também, os impactos sofridos em relação ao aspecto de saúde e principalmente, os direitos étnicos.
- Garantia de territórios que possibilitem a reintegração do grupo étnico, desestruturado em função do "deslocamento compulsório" do PNJ, em Novo Airão.
- Reconhecimento legal, de acordo com o Art. 68 do ADCT da CF/88, das comunidades remanescentes de quilombo situadas no perímetro urbano de Novo Airão.
- Garantia de acesso e uso dos recursos naturais (pesca, extrativismo e a terra), entre as famílias residentes dentro e fora do PNJ, considerando que elas mantêm um sistema de trocas regulares de produtos agro-extrativistas.
- Apoio à produção e à comercialização dos produtos agro-extrativistas.
- Proibição a pesca predatória no igarapé do Araia, em Novo Airão.
- Adequação dos cursos escolares, infra-estrutura e docentes presentes no ensino fundamental e médio, à realidade local.
- Ensino profissionalizante adequado aos interesses dos ex-moradores do Rio Jaú, que moram em Novo Airão.
- Implantação de saneamento básico, especialmente nos bairros de Santo Elias e Santo Antonio.

Francisco uiana do deinde

*Eu sou sócio da Ana trabalho com café
ambé eu trabalho com essas matérias prima
na estrada no quilometro 35 no jaú eu
morava muito difícil financeira.
no jaú plantava roça e cara banana
labanja café café cara feijão todo isso
a gente plantava todo isso foi proibido
o ibama falou que dentro do parque não pode
ter café humano. por isso nos saimo estamos
respeitando a lei. a mecer do norte estamos
pelejando pela a nossa indenização 4 anos.
temuna aqui a minha escríção.*

Ess morador do rio jaú

*Eu fulgê de moro aqui em novo airão vivemos
do jaú e a nossa casa está muito precaria e
sobre o passado um dia melhor um dia pior e
vamos passando a vida até Deus quiser e sobre
doença eu e meu esposo aqui ali a gente vive
deante ja estamos velhos e nos precisamos
pag e socego nos sofremos de pressão alta e
de pressão baixa. nos tralhava em madeira
em roça nos plantava banana cara batata
milho café feijão melancia aria quiimun.
Era muito bom pra plantação muito roça nos
tiamos.*

*Textos produzidos durante a Oficina de Mapas em
Novo Airão e entregues aos pesquisadores do Projeto*



Participantes da Oficina de Mapas, 2 e 3 dezembro 2006.

Da esquerda para a direita agachados: Raimundo Pinheiro, Ivanilda Gonçalves, Maria Pereira, Sebastião Ferreira, Diracir Borges, Pedro Paixão e Judith Vieira; sentados: Eliana Gadelha, Jacinto Olimpio, Jugleide Linhares, Sebastião Pedro, Lindalva Ferreira e Graça Bezerra; em pé: Aldenor Sobrinha, Claudionor Ramos, Adélia Savedra, Maria do Socorro, Marcos Nascimento, Francisca Viana (sócia da ANNA), Joaquin Shiraishi, Emmanuel Júnior, Mamedio, Joelina dos Santos e Francisco das Chagas

Oficina de Mapas realizada em Novo Airão, dias 2 e 3 dezembro 2006

	Nome	Localidade/ Colocação no Rio Jáú	Período que saiu	Bairro de Residência em Novo Airão
1	Raimundo Alves Pinheiro da Silva	Sítio Santa Rita	1997	Jardim Primavera
2	Jacinto Olimpio de Lima	Sítio do Piquia	1995	Jardim Primavera
3	Sebastião Ferreira de Almeida	Sítio Gentil	1989	Jardim Wilton
4	Diracir Borges Sales	Sítio Gentil	1989	Jardim Wilton
5	Francisco das Chagas dos Santos	Sítio Máximo	-	Olaria
6	Ivanilda Gonçalves dos Santos	Sítio Pagé	1995	N. Sra. Auxiliadora
7	Francisca Viana de Almeida	Cachoeira N. Esperança	1996	Km 35
8	Jugleide Linhares do Nascimento	Sítio Nazaré	1986	N. Sra. Auxiliadora
9	Adélia Savedra dos Santos	Tambor	1998	Jardim Primavera
10	Maria Pereira dos Santos	Santa Fé	1990	Jardim Primavera
11	Maria do Socorro Nogueira de Araújo	Cachoeira	1997	Nova Esperança
12	Eliana Gadelha dos Santos	São José	1985	Jardim Wilton
13	Claudionor Ramos da Silva	-	1981	Jardim Wilton
14	Mario Gonçalves	Brabo	-	N. Sra. Auxiliadora
15	Jonas dos Santos	Seringalzinho	-	N. Sra. Auxiliadora
16	Sebastião Pedro Frank	Sítio Caju	1990	Santo Elias
17	Lindalva Ferreira Souza	Sítio Forquilha	2003	Km 34
18	Maria das Graças Bezerra de Souza	Sítio Santa Maria	1995	Chico
19	João Pedro Paixão	Sito Caju	1990	Conj. Muruci
20	Mamedio Alves de Oliveira	Sítio São Sojé	1995	Conj. Muruci
21	Joelina Maria dos Santos	Sítio Terra Alta	1985	Nova Esperança

CONTATOS

Comissão dos Ex-moradores do Parque Nacional do Jáú

Av. João Paulo II s/nº Centro 69730-000 Novo Airão AM

Associação de Moradores Remanescentes de Quilombo da Comunidade do Tambor

Av. João Paulo II 135 Nossa Senhora Auxiliadora 69730-000 Novo Airão AM

Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Novo Airão

Av. João Paulo II s/nº Centro 69730-000 Novo Airão AM

telefone 92. 3365-1366 strnam@ig.com.br

Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

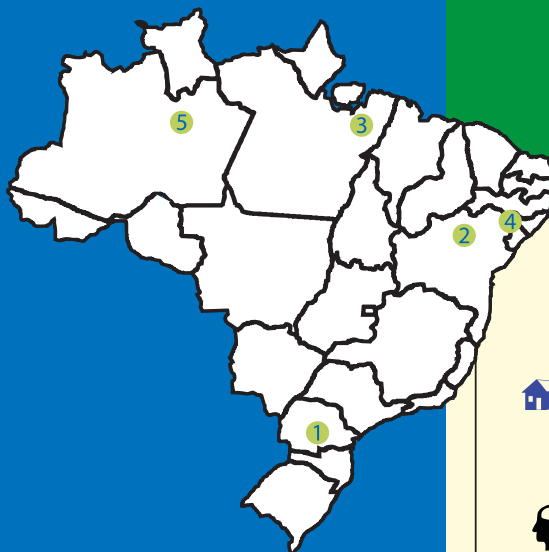
REALIZAÇÃO

Comissão dos Ex-moradores do Parque Nacional do Jaú
Associação de Moradores Remanescentes de Quilombo da Comunidade do Tambor

APOIO

Comissão dos Ex-moradores do Parque Nacional do Jaú
Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Novo Airão
Comissão Pastoral da Terra Regional Amazonas
Fiocruz, Amazônia
CONAQ – Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas

- 1 Povos dos Faxinais – Paraná**
- 2 Fundos de Pasto**
Nosso Jeito de Viver no Sertão
Lago do Sobradinho, Bahia
- 3 Quilombolas de Jambuaçu – Moju, Pará**
- 4 Comunidades dos Pescadores e Pescadoras Artesanais**
Mostrando sua Cara, Vez e Voz
Submédio e Baixo São Francisco
- 5 Ribeirinhos e Quilombolas, Ex-moradores do Parque Nacional do Jaú**
Novo Airão, Amazonas



Ministério do Meio Ambiente

